

Universidade de Brasília

Universidade de Brasília – UnB

INSTITUTO DE ARTES – IdA

Curso de Bacharelado em Teoria Crítica e História da Arte

Diego Rodrigues

40 cenas

Brasília

2021

Diego Rodrigues

40 cenas

Trabalho de conclusão do curso apresentado como exigência parcial para obtenção do grau de Bacharelado em Teoria crítica e História da Arte, na Universidade de Brasília, sob a orientação da Professora Doutora Karina Dias.

Dedico esse trabalho especialmente à minha mãe Maria Bispo Rodrigues, por ser minha rocha forte, amiga, aos meus sobrinhos amados Nicolas e Cauã. E aos meus irmãos Dayane e Gustavo, e cunhados.

Em nome da humanidade agradeço a todos os cientistas, que pesquisaram por dias ininterruptos e fizeram as vacinas do Covid -19, e aos artistas, percebemos o quão a arte é fundamental nos tempos de quarentena para não ficarmos loucos.

Agradeço aos colegas que estiveram ao meu lado nessa jornada, pela troca, parceira e reciprocidade. A todo estafe administrativo da UNB pelo suporte, e aos docentes por todo aprendizado em especial da Professora Doutora Karina Dias, pelo incentivo, construção e ser bússola em todo esse caminhar.

“Quanto mais você glorifica e celebra sua vida, mais você tem na vida para celebrar.”

Oprah Winfrey

“Um livro é a prova de que os homens são capazes de fazer magia.”

Carl Sagan

Resumo

Este trabalho foi desenvolvido na pandemia, com recortes do cotidiano, doses cavalares de poesia. Transformando as dores d'alma em giro, observação pelo espaço em movimento e a natureza em sensações; são 40 cenas que, e cada uma, tem uma vídeo-performance realizada por Martinianno Bispo.

40 Cenas vídeos - performances disponíveis em:

https://www.youtube.com/watch?v=HYrm-q1p09s&list=PLuxTy6nOysH6UmuF2WGsdDtiHPM_bHatk

Palavras Chave: 40 cenas, Giro, vídeo-performance.



Figura 1 Martinianno Bispo performando na Funarte contra o baixo-astral.

Cena 1

Arte & comida

Sem comida ou sem a arte a morte é certa.

Cena 2

Azul Turquesa

No sonho eu te esperava. Enquanto olhava para o teto, naquele apartamento, quase tudo era sem cor.

O apanhador de sonhos era azul turquesa, ele girava, girava e girava. Estava hipnotizado. Eu não me lembro de detalhes do sonho, só do azul. Eu acordei, queria ter ficado mais tempo, junto àquele azul outra vez. Ele está dentro de mim.

Cena 3

Fênix

Em uma penumbra grafite, o vazio das cinzas... A fênix ressurgirá?

Fuligem, fumaça, tempo seco, boca seca, do nariz pinga gotas de um rubro sangue.

Será que morri mais uma vez?

O céu está avermelhado, as nuvens estão escassas.

Nos meus ombros um vento seco, não me refresca, incomoda, grita.

Uma luz ascende no meu interior, essa chama arde, ela quer nascer.

Cena 4

Vaguear

Cena 5

Sentar na cadeira e esperar, esperar, esperar,

esperar, esperar, esperar,

Cena 6

E o vento levou o início,

E o vento levou o verde,

E o vento levou a poeira,

E o vento levou o marasmo,

E o vento levou a dor,

E o vento levou o toque,

E o vento levou a calmaria,

E o vento levou os sonhos,

E o vento levou a solidez,

E o vento levou o medo,

E o vento levou as certezas,

E o vento levou o calor,

E o vento levou as cinzas,

E o vento levou a angústia,

E o vento levou o paradoxo,

E o vento levou a ironia,

E o vento levou o café,

E o vento levou a caneta,

E o vento levou as brincadeiras,

E o vento levou os ossos,

E o vento levou a relva,

E o vento levou o fim.

Cena 7

Da janela

Da janela eu vejo um homem de terno azul marinho, fumando,

Da janela eu vejo o manobrista de uniforme azul claro, sentado embaixo de um guarda sol azul,

Da janela eu vejo um casal de mãos dadas apressados com roupas cinza, andando rápido.

Da janela eu vejo uma senhora de vestido oliva, tomando café, comendo tapioca e tomando suco de goiaba.

Da janela eu vejo o limpador de carros, lavando o carro vermelho no meio da rua,

Da janela eu vejo o flanelinha tomando café preto.

Da janela eu vejo o homem careca com uma jaqueta cinza, correndo.

Da janela eu vejo uma moto girl de camisa rosa, com um envelope para entregar.

Da janela eu vejo uma mulher de cabelo vermelho toda vestida de azul, com uma sacola maior que ela.

Da janela eu vejo um homem com uma mochila olhando o celular esperando alguém.

Da janela eu vejo um casal tomando uma bebida, um toma café e o outro Coca-Cola.

Da janela eu vejo uma octogenária elegante de terninho branco e com a máscara vermelha

Da janela eu vejo um rapaz todo de preto com um crachá branco,

Da janela eu vejo um engraxate meio corcunda andando devagar,

Da janela eu vejo a vida, e ela tem movimento, cores, gestos, velocidade, olhares e tudo mais que nela couber.

Cena 8

R e p e t i ç ã o

Cena 9

A morte pode esperar

Qual a cor da morte?

Cena 10

O vazio cabe na imensidão.

Cena 11

O celular e os meus neurônios

O aparelho que nos coloca em todos os lugares ao mesmo tempo, que facilita a vida, começa a dominar tudo, a ser uma continuação do nosso cérebro. De tamanho minúsculo aos grandes como uma folha de A4, ele foi feito para se tornar parte de uma pessoa, conectando-a com o mundo. Na Pandemia foi a válvula de escape: com ele a pessoa pode começar a namorar, encontrar o que comer, comprar uma viagem, fazer uma transferência bancária. Como um parasita ele está conosco desde a hora em que acordamos, até a hora em que vamos dormir. Em nossa solidão ele é um neurônio extra, ele quer morar em nossas mãos, ele quer que os nossos dedos deslizem por ele agora e sempre.

Cena 12

110

Eu entro na fila, espero o 110 subo a escada, passo o meu passe estudantil. Vou em pé. Desço na parada, sigo com a manada para o R.U, entro em outra fila, passo a carteirinha estudantil. Pego o meu prato me sirvo, não quero suco, olho e encontro um lugar vazio. Aceno para um colega da aula de... Que disciplina eu peguei com ele mesmo? Deve ser sida Introdução à...

Termino minha refeição, passo na biblioteca, e devolvo o livro, Caramba! Se eu não fosse hoje ia ter que pagar uma multa! Sigo para o pavilhão, chove. Ainda bem que eu trouxe o guarda-chuva.

Eu entrava no 110, uma colega gentil levava minha mochila, tinha uma apresentação e eu arrasava. Descia na praça de convivência, passava no banco e sacava R$20, 00 reais. Gostava de andar com algum dinheiro na mochila.

Ia para o IDA observava o movimento e cumprimentava meus colegas, comia o lanche que eu levava de casa. Ficava

revisando minha apresentação, e me divertia muito na hora dos seminários, era o momento que eu brilhava.

Quando eu entrar no ônibus 110, vou observar se todos estão usando máscaras se as janelas estarão abertas. Será que todos estão com os seus certificados de vacinação em dia? Esperarei que sim. Quando eu me apresentar nos seminários, eu pretendo dar o meu melhor. Quando eu tiver aula no BSA Sul irei um pouco mais cedo.

Cena 13

Não

Não ao plágio

Não à fome

Não à violência

Não ao preconceito

Não à desigualdade social

Não às armas

Não aos folgados

Não, não e não.

Cena 14

Sim

Sim às livrarias

Sim aos artistas

Sim às cores

Sim à paisagem

Sim à fauna

Sim à flora

Sim aos processos

Sim ao ócio

Sim aos sorrisos

Sim a movimentar-se

Sim à dança

Sim à música

Sim ao cinema

Sim ao teatro

Sim aos bons drinks

Sim às férias

Sim às festas

Sim ao tesão

Sim, sim e sim.

Cena 15

Talvez

Talvez morra

Talvez exista

Talvez viva

Talvez chore

Talvez grite

Talvez surpreenda

Talvez doa

Talvez entorpeça

Talvez cante

Talvez embebede

Talvez entristeça

Talvez sorria

Talvez mude

Talvez queira

Talvez aprenda

Talvez compreenda

Talvez chova

Talvez molhe

Talvez seque

Talvez transforme

Talvez exploda

Talvez renasça

Talvez repita.

Cena 16

Hidromel

Tomo esse líquido, pois busco algo elevado, que paira no ar, que os meus pensamentos fiquem leves ou até que flutuem. Tomo outro copo, sinto no meu corpo algo diferente, uma elevação, um frisson, um movimento, cócegas. Meus olhos estão entorpecidos, eu esqueço um pouco dos problemas do mundo, a alma está leve, outrora o vinho foi multiplicado para o casamento. Hoje eu danço, eu canto, eu sorrio, eu celebro a vida:

À leveza, aos sorrisos, à hora feliz.

Cena 17

A xícara caiu

Rodou,

rodou,

rodou

e quebrou.

Fim

Cena 18

Eu vejo o infinito nos seus olhos castanhos.

Cena 19

Amortecer

Cena 20

Do Ciclo da vida na Flor

Trouxe uma sementinha da casa agropecuária. Na embalagem continha uma fotografia de uma linda flor, será que a minha vai ser tão bonita quanto?

Cavei no quintal um buraco na terra fofa, minhas mãos e unhas ficaram sujas. Pus adubo e água e bons sentimentos, toda tardezinha regava água e esperanças de um futuro florido.

Nasceu uma mudinha tão verdinha cheia de alegria, cada dia crescendo mais, o sol seu melhor alimento. Ela continua a crescer dia após dia, surgem seus primeiros espinhos vou conseguir amá-la tanto as rosas como os espinhos? Pequenos botões surgem.

Pela manhã vejo a mais perfeita rosa, instala um sentimento feliz em mim, eu consegui.

Cena 21

Da busca

Procurei em todos os cantos, debaixo da cama, dentro do guarda-roupa, no porta-objetos do carro, em todas as gavetas. Revirei tudo.

Onde eu coloquei? Roda para um lado roda para outro e nada.

Talvez eu deixasse em algum lugar, já peguei até com São Longuinho se eu achar o que procuro dou três pulinhos.

Tá embaixo da mesa? Não

Em cima da geladeira? Não

Na máquina de lavar? Não

No armário? JAMAIS

Na sacola? Não

Então, onde eu deixei?

Cena 22

Sufi

No baile da vida, ele gira e gira.

Em seus contornos incertos, repetitivos, movimentos instantâneos, o fluxo desconexo, um sufi, um desatino, um acalento.

Cena 23

Do Compasso na galeria

Girar

Meu gesto

Cena 24

Eu olhei Walt Whitman

Ó pai dos versos livres,

Liberta-me?

Quero fugir da rima

Com meus movimentos repetitivos eu flutuo a gravidade da terra, me fazer transcender, eu ardo. Tento entender que, pela palavra, eu alcanço o infinito. Nos teus versos meu gesto engrandece.

Whitman seu deu por inteiro, celebrou e cantou a ele mesmo. E eu giro.

Whitman perguntou o que marca a eternidade? E eu giro.

Whitman disse que quando fazemos algo que não nos toca a alma, algo que não temos vontade, estamos caminhando para a morte. E eu pulo.

Whitman falava sobre ser contraditório, sobre sua imensidão, que havia multidões dentro dele. E eu choro, é um amor que brilha, me deixa feliz em contemplação.

Whitman amou muitas mulheres e homens. Eu o amo.

Cena 25

re-pe-ti-ção

Cena 26

Bia Medeiros

Olho com nostalgia para o ano de 2016. O Brasil estava um caos? Eram retóricas, muitas retóricas, capas da veja como se a cada semana um apocalipse fosse ocorrer, meu divertimento era ler comentaristas políticos. Em todas as rodinhas de conversas se ouvia: vai ter Impeachment ou não? Foi GOLPE.

Mas em uma aula que fiz no intuito de tirar minha timidez, conheci Bia Medeiros, voz rouca, atitude nada convencional, mente aberta, uma agente da "desordem", uma figura que atravessava a matrix. Eu na minha caixinha, onde tudo eram convenções, pensei em desistir, não estava conseguindo me sintonizar. No meio daquela balbúrdia, eu me encontrei, eu fui descobrindo vertentes que nem sabiam que existiam dentro do meu ser, nascia Martinianno Bispo, ele é performer, ele não tem medo, ele é um desbravador. Ele gira em qualquer lugar. Bia Medeiros despertou a performance no meu ser, e serei grato a ela pelo resto dos meus dias.

Cena 27

Pandemia

Cada pessoa viveu e sentiu a pandemia de alguma forma. Meu maior medo nunca foi pegar essa doença, mas ser o transmissor dela que me apavorava. Todos perdemos alguém que amávamos ou admirávamos, ela que se espalhou pelo mundo de forma tão rápida, não tínhamos informação de como enfrenta-la. Via a história de pessoas que estavam fazendo coisas incríveis. Nesse tempo, eu chorei, vi filmes, tive depressão, emagreci, engordei de novo, briguei com vizinhos, pedi perdão. A cada noite que os números eram atualizados meu coração disparava. E o tempo passou e vi que em outros lugares a vacinação avançava e aqui apenas promessas, decisões burras. Apenas, quando a maioria teve consciência que só com a vacina o mundo poderia ir voltando para os eixos, foi que as coisas começaram a andar. A maior prova estava por vir: meu melhor amigo ficara entubado 18 dias. Foram 18 dias e sem vê-lo, tendo noticias apenas pelos boletins médicos. Foram dias nublados, sem cor, frios. Pessoas perdendo seus entes queridos sem ter a oportunidade de se despedir de forma digna e com isso viver

o processo de luto. Mas eu vi o milagre, meu amigo foi salvo pela ciência, profissionais médicos maravilhosos, que tomaram as decisões adequadas. A maioria das minhas cenas, da vídeo-performance , foram registradas por suas lentes.

Cena 28

Chiharu Shiota

O vermelho das linhas de Shiharu Shiota é visceral, é como o sangue que pulsa em nossas veias, o emaranhado, a conexão, a repetição que tanto está presente em meu trabalho. Eu me sinto aprisionado em sua obra, o vermelho desperta em mim sentimentos primitivos, eu sigo o fluxo.

Cena 29

De Martinianno Bispo

Martinianno Bispo é colorido, solar, ele aspira às estrelas, a cor verde é a sua favorita. Ele se repete, ele gira, e mergulha fundo.

Seja no meio da multidão de transeuntes, ou no deserto de olhares, ele gira.

Cena 30

Hélio Oiticica

Giro com seus parangolés.

Cena 31

No Ponto de ônibus

Lugar onde tento lembrar se fechei o portão de casa, onde eu olho se trouxe a carteira, onde observo a conversa acalorada da senhora no celular, onde me abrigo se a chuva vem vindo. Onde fico com medo de ser assaltado. Onde vejo o tio vendendo paçoca, mas antes ele fala todo o seu drama amargo, para que comprem sua paçoca doce. Onde esperamos o ônibus olhei lá longe e aquele que vem, ainda não é o que eu pretendo pegar, terei de esperar mais um pouco.

Cena 32

De girar

O meu giro é forte

Meu giro tem magia

Tem ancestralidade

Tem religião

Ele é ateu

E ele é cristão.

Eu vou girando desse ponto até o lado de lá para o outro lado da terra.

Cena 33

Goya

Em Goya eu visito lugares obscuros, os rostos deformados não me assustam. O meu giro te apavora?

Cena 34

Yoko Ono

Sentado na poltrona olhei o livro da *Yoko Ono Grapefruit e,* 60 anos depois, fiquei imaginando como trazer essas instruções para os dias de hoje?

Faça um grupo no whatsapp ou no telegram e convide os sonhadores, amantes, felizes, poetas, os pecadores e o garçom, esse amigo não pode faltar!

Em uma noite de Primavera de 2021

Cena 35

No espelho

Reparo-me no espelho, eu me pergunto: Até onde minha performance vai me levar? Martinianno Bispo tem potência? Minha estrela vai chegar ao ponto mais alto? Dúvidas... Vou caminhando, e deixo que o acaso e a boa sorte me levem, para onde haja boas ondas.

Cena 36

Eu sou o Ar

Eu sou a terra

Eu sou o oceano

Eu sou o fogo

Eu sou o mar

Eu sou o chão

Eu sou o sopro

Eu sou o calor.

Cena 37

Augusto dos Anjos

Inevitável vontade de ser fera.

Cena 38

Carlos Drummond de Andrade

No mármore de tua bunda.

Cena 39

Dos infames

Toca o despertador bem alto 04h30min da manhã;

Hoje é domingo.

xx

Você está só em casa assistindo um filme de terror; a campainha toca e você vai atender e não tem ninguém.

xx

Está chovendo muito, você pela primeira vez esqueceu-se de abastecer o carro, ele apaga, vem vindo uma caminhonete com o farol alto em sua direção.

xx

Você trabalha em uma galeria, está sozinho trancando as portas para ir embora, se depara com um velho barbudo pelado, com os pés sujos de lama, encarando um quadro.

xx

Você cria todo o conceito de uma exposição, faz o texto curatorial entrega para uma pessoa de confiança, e no dia

da vernissagem descobre que o seu texto e o seu conceito foram usurpados e usados como se fossem ideias de outra pessoa.

xx

Você fez um bilhete da loteria, marcou os números que você queria, mas tem um imprevisto e não consegue registrar o jogo, todos os números sorteados são os que você ia jogar.

xxx

Um artista conceituado no mundo das artes te copia de forma descarada, e apresenta como se fosse algo inédito.

Cena 40

Volpi

E eu experimento o solo, a água, o cascalho, o vento e meus sonhos.



Figura 2 Martinianno partindo para outras aventuras.

Dos companheiros e companheiras

ARGAN, G. C. Arte moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. **O amor ao natural**. 6ª. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996. 100 p. ISBN 85-01-04041-x.

E SILVA, De Castro. **Augusto dos Anjos**: Poeta da Morte e da Menlancolia. [*S. l.*]: Gaíra limitada, 1941. 203 p.

Livros Técnicos e Científi cos, 1995.

FAVARETTO, Celso. **A invenção de Helio Oiticica**. 2ª. ed. [*S. l.*]: EDUSP, 2000. 236 p. ISBN 9788531400629.

GULLAR, F. O universo de Brennand. Portal das Artes, 2005. Disponível em: . Acesso em: 19 abr. 2021.

GULLAR, F. Relâmpagos. São Paulo: Cosac Naify, 2003

JAHN, Andrea. **Chiharu Shiota**: Seven Dresses. Bk edição . ed. [*S. l.*]: Kerber Verlag; Pck Pap, 2017. 104 p. ISBN 978-3735601575.

MAMMI, Lorenzo *et al*. **Alfredo Volpi**: The Poetics of Colour. [*S. l.*]: Mousse Publishing, 2019. 256 p. ISBN 978-8867493739.

OITICICA, Hélio. **Qual é o Parangolé**: coleção perfis do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1966.

ONO, Yoko. **Grapefruit**: A Book of Instructions and Drawings by Yoko Ono. Especial. ed. [*S. l.*]: Simon & Schuster, 1961. 320 p. ISBN 978-0743201100.